GALERIAS MUNICIPAIS – GALERIA QUADRUM
Palácio dos Coruchéus
Rua Alberto Oliveira, 52
1700-019 Lisboa

Terça-feira a Domingo: 10h–13h e 14h–18h/
Tuesday to Sunday: 10 am–1 pm and 2 pm–6 pm
Entrada livre/Free entrance

Visitas guiadas por marcação/Guided tours by appointment
mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt

LISBOA CULTURA
galerias municipais

Apoio / Support

SOLUBEMA
SOCIEDADE LUSO-BELGA DE MÁRMORES, S.A.

ETMA
EMPRESA TRANSFORMADORA DE MÁRMORES DO ALENTEJO, S.A.

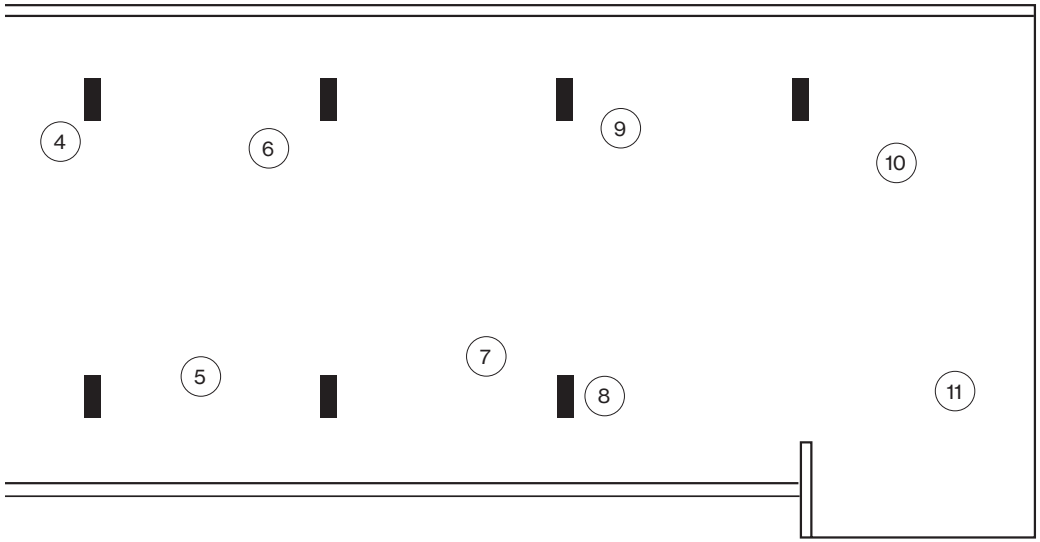
CRISTINA ATAÍDE

Galeria Quadrum

Curadoria/Curator
Eva Mendes

13.11.2026–
27.03.2027

FRAGMENTOS



Como já frequentemente anunciado em algumas das suas exposições de caráter antológico, Cristina Ataíde (Viseu, 1951) tem vindo a desenvolver, desde o início da década de 1990, um trabalho artístico com uma qualidade profundamente multidisciplinar. Apesar da sua frequente utilização do desenho, da pintura, da instalação e da fotografia, é na obra escultórica que a artista parece revelar grande parte das determinações formais que informam o seu trabalho. *Fragmentos*, apresentada na Galeria Quadrum, é uma exposição que trata precisamente isso – a intenção de um corpo escultórico que se desfaz, refaz e reorganiza segundo os princípios plásticos e, de alguma forma, éticos, transversais à totalidade da obra da artista.

Em 2025, é apresentada no Museu de Arte Contemporânea Armando Martins a escultura *MONTANHA-ÁGUA, uma obra de grande escala* (155×395×250 cm) em Mármore da Herdade da Vigária (Solubema), uma pedra com uma pele leitosa e rosada reunindo, por vezes, alguns apontamentos de cinza claro. A monumentalidade da obra, (esculpida a partir do centro da pedra) resultou num conjunto de vestígios quebrados que surgem em paralelo ao seu desvelamento, elementos que aqui nomeamos, precisamente, de *fragmentos*. Retomando aquela que é uma preocupação ecológica muito íntima à prática da artista, foi acordado que estas partes se tornassem a reunir num novo contexto expositivo – não enquanto remanescentes, mas como esculturas autónomas.

7

Fragmentos #2A | ***Fragments #2A***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
120 × 92 × 112 cm

8

Fragmentos #9 | ***Fragments #9***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
150 × 135 × 17 cm

9

Fragmentos #5 | ***Fragments #5***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
150 × 135 × 17 cm

10

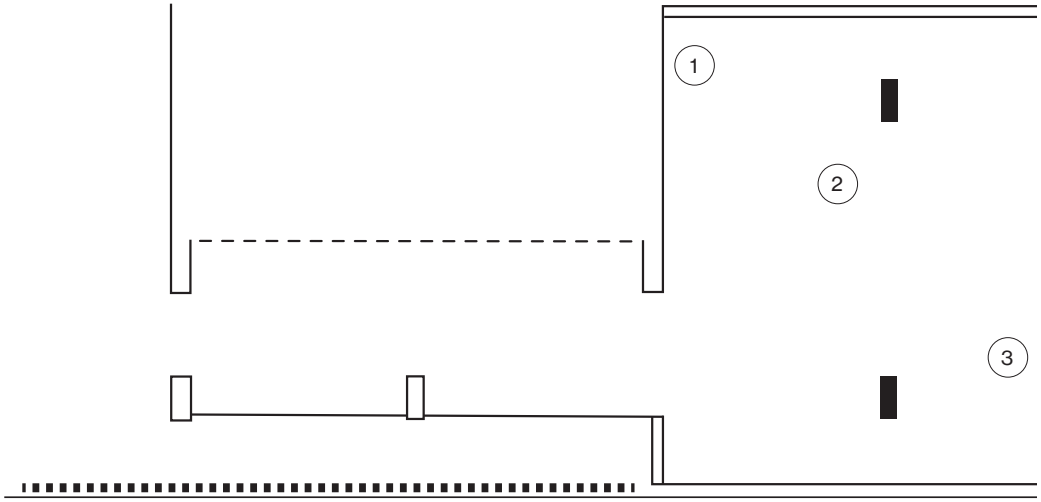
Fragmentos #3 | ***Fragments #3***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
130 × 190 × 94 cm

11

Fragmentos #12 | ***Fragments #12***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
34 × 153 × 117 cm

Todas as obras são cortesia da artista | All artworks are courtesy of the artist

Mármore branco da Herdade da Vigária, Solubema. Produção ETMA, Bencatel, Vila VIçosa | Marble from Herdade da Vigária, Solubema. Produced by ETMA, Bencatel, Vila Viçosa.



1

Fragmentos #7 **|** ***Fragments #7***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
140 × 100 × 25 cm

2

Fragmentos #10 **|** ***Fragments #10***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
48 × 154 × 152 cm

3

Fragmentos #1 **|** ***Fragments #1, 2026***
Mármore português e aço inoxidável | Portuguese marble and stainless steel, 118 × 51,5 × 124 cm

4

Fragmentos #4 **|** ***Fragments #4***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
148 × 97 × 25 cm

5

Fragmentos #8 **|** ***Fragments #8***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
91 × 135 × 54 cm

6

Fragmentos #2B **|** ***Fragments #2B***, 2026
Mármore português | Portuguese marble,
77 × 180 × 155 cm

Atribuindo à sua intenção escultórica uma predisposição para o encontro entre a paisagem e o corpo já reiterada na obra de Ataíde, subsiste nas esculturas uma determinação original pouco modificada à *posteriori*. Trata-se de uma apresentação que consente, em todos os elementos mas nunca de uma forma totalmente clara, um fino equilíbrio entre o acaso do fragmento e o seu consequente desenho escultórico seguindo, portanto, uma lógica de trabalho aparentemente contraditória à da tradição da escultura (sendo, neste caso, profundamente síncrona com a linguagem e métodos da artista).

Ao libertar a escultura da sua função originária (a de representação, no caso, de uma montanha), a artista dá-lhe espaço para se manifestar segundo outro tipo de fundamentos. A qualidade orgânica então tão característica do seu trabalho, reúne uma série de condições atípicas de atuação que lhe concedem uma abordagem eventualmente mais próxima de uma preocupação formal do que, essencialmente, conceptual (a mais reconhecível no seu trabalho), anunciando corpos escultóricos mais próximos de destroços telúricos ou formas tumulares. A ultrapassagem da sua escala em função do corpo que as observa (poderia dizer-se, até, algo violentamente), contorna igualmente uma das principais tendências da escultura, colocando o espetador no lugar do observado. Da mesma forma, as esculturas parecem pontuar o espaço segundo a mesma autonomia com que foram extraídas da sua matéria originária, erguendo-se sobre uma sequência de barrotes em madeira análogos aos que conheciam na fábrica, acompanhando o dispositivo a abordagem minimal que caracteriza a exposição, assim a sua iluminação e repouso despojados.

Eva Mendes

As has often been noted in some of her survey exhibitions, Cristina Ataíde (Viseu, 1951) has, since the early 1990s, developed an artistic practice of a profoundly multidisciplinary nature. Although frequently working with drawing, painting, installation and photography, it is in sculpture that the artist seems to reveal many of the formal principles underpinning her work. *Fragments*, presented at Galeria Quadrum, is an exhibition concerned with precisely this: the intention of a sculptural body that is broken apart, reconstituted and reorganised according to the formal and, in some sense, ethical principles that run throughout the artist's work.

In 2025, the sculpture *MONTANHA-ÁGUA* [MOUNTAIN-WATER] was presented at the Armando Martins Museum of Contemporary Art, A large-scale work (155×395×250 cm) in Herdade da Vigária Marble (Solubema), a stone with a skin milky, pinkish surface, sometimes flecked with pale grey. The work's monumental scale (carved from the centre of the stone) resulted in a collection of broken traces which emerged alongside its unveiling, elements we call *fragments*. Returning to an ecological concern deeply rooted in the artist's practice, it was agreed that these parts would come together again in a new exhibition context, not as remnants, but as autonomous sculptures. By imbuing her sculptural intention with a predisposition towards bringing landscape and body together, already reiterated in Ataíde's work, the sculptures retain an original intention that has undergone little subsequent modification. Their presentation allows, in every element but never with complete clarity, a fine balance between the chance nature of the fragment and its resulting sculptural form, following a logic that apparently runs counter to the tradition of sculpture (though in this case it is deeply in tune with the artist's language and methods).

By freeing the sculpture from its original function (in this case, representing a mountain), the artist gives it room to manifest itself according to other principles. The organic quality so characteristic of her work brings together a series of atypical conditions of operation, allowing an approach perhaps closer to formal rather than conceptual concerns (the more recognisable aspect of her work), and suggesting sculptural bodies closer to geological debris or funerary structures. Their scale, exceeding that of the bodies observing them (one might even say violently so), also subverts one of sculpture's principal tendencies, placing the viewer in the position of the observed. The sculptures also seem to punctuate the space with the same autonomy with which they were extracted from their original matter, rising on a series of wooden beams like those used in the factory and with a presentation that follows the exhibition's minimalist approach, amid restrained lighting and in an uncluttered setting.

Eva Mendes